

ESQUIZOCIDADE:

Uma esquizoanálise sobre a representatividade de gênero, sexualidade e identidade *queer* nas cidades criativas

Bruno Flores Prandini¹ - Feevale - prandini.b@gmail.com

Resumo:

A partir dos estudos de Richard Florida no livro "A Ascensão da Classe Criativa" onde o autor propõe a utilização do chamado Índice Gay para apresentar uma relação entre diversidade e criatividade, o artigo propõe uma investigação esquizoanalítica sobre os impactos sociais, econômicos e políticos da construção de cidades criativas nos corpos LGBTQIAPN+, sobretudo, diante dos processos de gentrificação. A esquizoanálise opera aqui como ferramenta cartográfica dos fluxos desejantes que busca denunciar a produção da violência estrutural da cisheteronormatividade bem como a LGBTfobia camuflada sob o discurso de avanço criativo. As fronteiras conceituais deste artigo são: "Cidade" de Lefebvre; "Criatividade" de Vivant, Alencar e Fleith; "Cidade Criativa", aos olhos de Landry e Florida; "Diversidade" e "Cisheteronormatividade" com Braga e Vergueiro; "Violência Estrutural" a partir de Almeida e Foucault; e, finalizando com a "Esquizoanálise", de Deleuze e Guatarri, como plano de resistência e fuga. O artigo traz evidências de como os processos de gentrificação fazem a manutenção da violência estrutural cisheteronormativa, a captura dos desejos, bem como a apresentação de alguns casos para elucidar o debate. Ao final, são apresentados alguns movimentos que se configuram como uma alternativa política e criativa para à problemática apresentada. Além disso, é apresentado o conceito de esquizocidade que parte de um entendimento de que todo corpo rejeitado pelo capitalismo e pelas cidades criativas, através da gentrificação, é um corpo potente, artístico e cheio de devires que abrem fissuras para a construção de um território criativo e reinventa os modos de ser/estar e desejar cidade.

Palavras-chave:

Cidade Criativa. Gentrificação. Diversidade. Esquizoanálise. LGBTQIAPN+.

¹ Professor de Artes e Mestre em Educação pela Uergs, e Doutorando em Indústria Criativa pela Feevale. Atua como diretor criativo, criador de conteúdos digitais e coordenador pedagógico. Suas pesquisas envolvem a promoção da cultura LGBTQIAPN+ enquanto pauta afirmativa e o desenvolvimento de produtos criativos por meio da desterritorialidade de linguagens.

SCHIZOCITY:

A schizoanalysis on the representation of gender, sexuality and queer identity in creative cities

Abstract:

Based on Richard Florida's studies in the book "The Rise of the Creative Class," where the author proposes the use of the so-called "Gay Index" to present a relationship between diversity and creativity, the article proposes a schizoanalytic investigation into the social, economic, and political impacts of the construction of creative cities on LGBT+ bodies, especially in the face of gentrification processes. Schizoanalysis operates here as a cartographic tool of desiring flows, seeking to denounce the production of structural violence within cisheteronormativity, as well as LGBTphobia camouflaged under the discourse of creative advancement. The conceptual boundaries of this article are: Lefebvre's "City"; Vivant, Alencar, and Fleith's "Creativity"; the "Creative City" through the eyes of Landry and Florida; Braga and Vergueiro's "Diversity" and "Cisheteronormativity"; Almeida and Foucault's "Structural Violence"; and, concluding, Deleuze and Guattari's "Schizoanalysis" as a plane of resistance and escape. The article provides evidence of how gentrification processes maintain cisheteronormative structural violence and capture desires, as well as presenting some case studies to illuminate the debate. Finally, it presents several movements that constitute a political and creative alternative to the presented problem. Furthermore, it presents the concept of schizocity, which is based on the understanding that every body rejected by capitalism and creative cities through gentrification is a powerful, artistic body, full of becomings that open fissures for the construction of a creative territory and reinvent ways of being and desiring the city.

Keywords: Creative City. Gentrification. Diversity. Schizoanalysis. LGBT+.

1. INQUIETAÇÕES DISSIDENTES

Este artigo emerge do desconforto de um corpo LGBTQIAPN+² que, no encontro com os estudos de Richard Florida³ (2011) no livro *The Rise of the Creative Class* (A Ascensão da Classe Criativa), se depara com o chamado Índice Gay, um indicador social que quantifica a presença LGBTQIAPN+ como métrica condicional para a criação de uma cidade criativa. É fato que Florida se tornou uma controvérsia referência para os estudos criativos, bem como suas fórmulas para a ascensão das cidades e territórios alcançaram proporções globais em diversos países. A inquietação, aqui, irrompe sobre a forma como Florida, e outros autores, discorrem seu entendimento sobre a cultura LGBTQIAPN+, reduzindo suas potências em marcador estático e ignorando suas vivências no impacto socioeconômico do corpo constituinte de uma cidade/território.

Partindo destas tensões, e fazendo aproximações conceituais com os estudos *queer*⁴, proponho uma esquizoanálise (metodologia será melhor descrita e conceituada no próximo capítulo) que cartografe as linhas de força da representatividade de gênero, sexualidade e identidade *queer* nas cidades criativas. Ao mesmo tempo, faço um mapeamento interseccional da gentrificação e os impactos nas comunidades LGBTQIAPN+ habitadas nas periferias metropolitanas, corpos que produzem cidade enquanto são dela sistematicamente expulsos.

Sendo Florida um homem cisgênero heterossexual do norte global, quais são os devires dissidentes que Florida traz para contextualizar a formação das cidades criativas? Quais fluxos é capaz de perceber e/ou ignorar? Quais são as vivências *queer* que Florida toma como referência para categorizar o Índice Gay? Quais afetos e desejos se perdem nos gráficos? Toda cidade criativa é necessariamente uma cidade acolhedora para a diversidade? Estas perguntas atuam como linhas de fuga ao longo do artigo, na tentativa de evidenciar como a “transformação criativa” opera como dispositivo de violência estrutural cisheteronormativa e LGBTfobia

² Sigla adotada pela comunidade para representar a pluralidade das orientações afetivo-sexuais, identidades e expressões de gênero. Sendo respectivamente Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais ou Aliados, Pansexuais, Não-binários e o + representa todas as outras intersecções de todo o espectro LGBTTTQIIAAACPPF2K+.

³ Richard Florida é professor universitário, professor de análise econômica e política na Rotman School of Management e distinto acadêmico residente na School of Cities, University of Toronto. Florida foi professor na George Mason University e na Carnegie Mellon University.

⁴ Já teve sentido pejorativo e hoje em dia pode ser utilizado como adjetivo, verbo (*queering*), substantivo, identidade, orientação afetivo-sexual e identidade de gênero. Termo oposto à cisheteronormatividade.

institucionalizada, sob a máscara da inovação. Afinal, pode uma cidade ser criativa sem produzir violências estruturais que coloquem à margem seus agentes de criatividade?

2. FRONTEIRAS

Para abrir o debate sobre a presença LGBTQIAPN+ nas cidades criativas, é necessário territorializar o campo conceitual, traçando linhas de força que atravessam os corpos, os espaços e os discursos produzidos. A seguir, desenvolvo os conceitos aproximando seu campo de debate teórico com as questões levantadas pelo artigo.

2.1 ESTUDOS CRIATIVOS

A discussão entre cidades criativas e a representatividade LGBTQIAPN+ começa no entendimento de cidade. Aqui, tomo o conceito de Henri Lefebvre⁵ (2001, p.51-52), onde ele aponta que a cidade é um espaço de [...] *relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes, com sua história*. Ainda traz que a cidade opera através de um pensamento cíclico de constantes transformações, que acompanha o dinamismo cultural vigente. *Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto*.

Em seu livro “O Direito à Cidade”, nos convida a ver a cidade enquanto um corpo vivo. Para ele, a cidade é uma [...] *obra a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. [...] A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas*. (2001, p.52). Um organismo vivo e pulsante que se recusa a ser uma estrutura fixa, mas uma produção constante de desejos. Sua perspectiva vai ao encontro de Landry⁶ (2013, p.11) quando aponta que o recurso crucial de uma cidade é o seu povo e sua inteligência: *A criatividade daqueles que vivem e trabalham nas cidades vai determinar o sucesso futuro*. Com isso, chego ao conceito de criatividade.

⁵ Filósofo marxista e sociólogo francês.

⁶ Fundador da Comedia (www.comedia.org.uk), uma empresa de consultoria que se dedica às relações entre cultura, criatividade e planejamento territorial desde 1978.

A criatividade, enquanto conceito, já foi estudada em diferentes campos. Para Vivant⁷, [...] *os profissionais da criatividade são contratados para resolver problemas complexos, inventar soluções novas, fora de uma lógica de produção rotineira e repetitiva* (2012, pág.11). Outra teoria que contribuiu para os estudos criativos foi a Gestalt, [...] *esta deu início às pesquisas sobre o insight, ou seja, aquele momento do processo criativo em que surge, usualmente de forma repentina, uma nova idéia ou solução para um problema* (ALENCAR⁸ e FLEITH⁹, 2024, p.1). Landry, costura essas abordagens numa lógica convergente:

A criatividade tem uma capacidade polivalente de solução de problemas e de criação de oportunidades em geral. Sua essência é uma desenvoltura versátil e a capacidade de avaliar e encontrar a maneira de alguém resolver problemas ou circunstâncias incontrolláveis, inesperadas e incomuns (2013, p.37).

Uma vez que se tem a cidade como um espaço coletivo dinâmico de produção de subjetividade e a criatividade como a capacidade de resolver problemas, é possível entender como surge a ideia de cidade criativa. Charles Landry introduziu o termo em 1980 na Inglaterra e, desde lá, debruçou sua vida profissional no campo teórico dos estudos criativos. Para Landry, [...] *tornar-se e ser uma Cidade Criativa está muito ligado à mudança de mentalidades, sendo mais um processo que um plano. É ser dinâmica, e não estática. Para manter uma posição criativa, uma cidade precisa estar continuamente alerta e ser estrategicamente ágil* (2013, p.28). Com isso, é possível entender que o acesso às práticas criativas durante o período escolar, bem como espaços que fomentem sistematicamente a criatividade de uma cidade se tornam pré-requisitos para o processo de mudança e conquista da chancela. No entanto, é necessário pensar a quem cabe decidir quais formas de criatividades serão reconhecidas e autorizadas? E quais serão bloqueadas? Landry diz que toda a cidade precisa viver os processos criativos:

A criatividade pode vir de qualquer fonte, incluindo uma pessoa que resolva problemas de uma maneira inventiva, seja um empresário, um cientista ou um funcionário público. Incentivar a criatividade e legitimar o uso da imaginação dentro das esferas pública, privada e comunitária ampliará o

⁷ Professora de estudos urbanos e diretora do Latts (CNRS-ENPC-Université Gustave Eiffel). Foi pesquisadora convidada na London School of Economics no King's College e nas universidades de Berkeley e Harvard.

⁸ Psicóloga pela UFMG (1967), mestrado em Psicologia - Purdue University (1970) e doutorado em Psicologia - Purdue University (1974).

⁹ Psicóloga pela Universidade de Brasília (1985), mestrado em Psicologia pela Universidade de Brasília (1990), doutorado em Psicologia Educacional pelo National Research Center on the Gifted and Talented da University of Connecticut (1999).

banco de ideias e soluções para qualquer problema urbano (LANDRY, 2013, p.26).

Um estudo de Landry (2013, p.11) afirma que cerca de 25% a 30% da população de uma cidade trabalha diretamente com criatividade. E com o aumento da criatividade, é possível relacionar outro fenômeno insurgente: o aumento significativo de pessoas LGBTQIAPN+ afirmando suas sexualidades e gêneros. Segundo o Instituto Ipsos, seu último censo de 2023¹⁰, revela que a população *queer* aumentou de 4%, da geração Y, para 9%, na geração Z. E que na atual geração, a Alfa, a porcentagem ultrapasse os 18%. A curva exponencial só tende a aumentar, uma vez que os movimentos LGBTQIAPN+ se fortalecem, pessoas públicas levantam a pauta sem medo, e os tabus acerca de gênero e sexualidade se desvanecem. Afinal, a diversidade é potência de criação ou apenas mais um índice contabilizado pelas cidades criativas? Para responder a pergunta, parto para o contexto político por trás dos estudos *queer*.

2.2 ESTUDOS QUEER

Do estopim de Stonewall, em junho de 1969, onde corpos *queer* se levantaram contra a represália da polícia, até os ataques moralistas dos anos 80, que tentaram culpar a comunidade LGBTQIAPN+ pela origem e disseminação do vírus HIV na sociedade, a história *queer* é um exercício constante de resistência diante da agenda da intolerância. A ilusão de uma igualdade conquistada é revelada quando se olha para o atraso secular das políticas de diversidade que asseguram os mesmos direitos e deveres. Por exemplo, foi apenas em 1990 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Já a transexualidade foi apenas em 2019. No Brasil, até 2020, pessoas LGBTQIAPN+ eram impedidas de doar sangue. São conquistas relevantes, sem dúvida, mas como aponta Veiga (2020)¹¹, [...] *de acordo com a Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Trans e Intersexuais (ILGA), em 70 países a homossexualidade ainda é criminalizada com casos de prisão e até pena de morte.*

¹⁰ Fonte: <<https://www.ipsos.com/en/ipsos-pride-survey-2024-gen-zers-most-likely-identify-lgbt>>

¹¹ Fonte: <<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as/a-53447329>>

A cisheteronormativa opera como um biopoder global, regulando o poder de quem pode viver e de quem deve morrer.

A complexidade da violência estrutural contra a comunidade LGBTQIAPN+ exige mais do que um capítulo, como revelam inúmeros livros e pesquisas da teoria *queer*, contudo, aqui, vou me debruçar sobre apenas dois conceitos: cisheteronormatividade e diversidade. O primeiro, Braga¹² aponta que:

A heteronormatividade sintetiza o conjunto de normas prescritas, explícitas ou não, que marcam toda a ordem social e não apenas o que concerne à escolha do parceiro amoroso, mas também ao conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientação prática que se apoiam na heterossexualidade como ponto de referência nodal. Assim, mais do que balizar a heterossexualidade compulsória a heteronormatividade enquadra os sujeitos (biologicamente homens ou mulheres) em uma sequência invariável corpo-sexo-gênero-sexualidade e os submete às normas que regulam o pertencimento social dos homens e das mulheres reconhecidos(as) por essa norma (PINO, 2007; BUTLER, 2008). (2012, p.18).

Somado a isso, ainda existe a “cisgeneridade” da qual Vergueiro¹³ elucida:

A cisgeneridade representaria [...] as corporalidades e identidades de gênero que, em suas características e auto identificações, estejam alinhadas às ideias de corpos e identidades de gênero “normais”, “não transtornados”, “biológicos”. Nesse sentido, uma primeira definição para a cisgeneridade seria considerá-la a identidade de gênero daquelas pessoas cuja “experiência interna e individual do gênero” corresponda ao “sexo atribuído no nascimento” a elas (2016, p.252).

O conceito de heteronormatividade, como um dispositivo que enquadra as relações humanas em uma forma de sexualidade compulsória e binária, junto com o da cisgeneridade, que reforça a expectativa de que os corpos sigam uma normativa invariável de identidade de gênero, formam o que se conhece por cisheteronormatividade: um agenciamento de captura, que determina quais vidas têm reconhecimento, proteção e valor social. Uma matriz que regula quem pode desejar, com quem, e de que forma esse desejo pode se manifestar. Tal movimento é defendido de maneira compulsória, em sua maioria, por homens. Uma pesquisa feita pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais revela dois fatos assustadores sobre o Brasil: pelo décimo sexto ano consecutivo, o país é a nação

¹² Doutora em Educação pela UERJ, com estágio na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/Portugal (2012). Possui Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2004) e graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2000).

¹³ Pesquisadora/Consultora/Analista com formação nas áreas de Gênero, Trans+Feminismos, Identidade de Gênero e Ciências Econômicas.

que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo¹⁴; e, contraditoriamente, também é o país que mais consome pornografia trans¹⁵. A cidade exhibe e celebra nas vitrines criativas das avenidas a diversidade, porém nos becos e vielas, executa sua necropolítica queer.

Quando se fala numa política pela diversidade se quer, antes de tudo, possibilitar um espaço seguro, para que diferentes expressões e performances de gênero e sexualidade possam existir. Muitas vezes, [...] *conviver na diversidade é, pois, reificar as classificações ao defender que aqueles que diferem da norma (sem desestabilizar a própria norma) devem ter direitos iguais* (BRAGA, 2012, p.59). A fragilidade está justamente na falta de uma ruptura do agenciamento conservador. Por isso, para Braga, a diversidade seria

uma política da diferença na qual as sexualidades gays, lésbicas e trans possam existir para além da oposição à heterossexualidade hegemônica. Busca-se construir espaços comuns nos quais a diferença seja entendida como condição inerente à vida humana e não apenas como algo a ser tolerado, ou respeitado dentro dos condicionantes das estruturas de poder e das suas acepções e polarizações (BRAGA, 2012, p.164-165).

Com isso, volto à questão inicial: qual a relação entre criatividade e diversidade? Existe na comunidade LGBTQIAPN+ uma capacidade transgressora e exclusiva de suas vivências que irrompe com qualquer lógica vigente e estrutural do pensamento binário. Uma tecnologia de sobrevivência e reinvenção de si. Ser uma pessoa LGBTQIAPN+ é, antes de tudo, ser insurgente, disruptivo e soberano. Resistir aos ataques e ainda defender-se com orgulho de sua causa. Qualidades que um agente criativo corre diariamente para alcançar. A capacidade de mudança, a performatividade e a habilidade de transgredir o *status quo* de um modelo de pensamento. Por isso, o interesse de Florida na comunidade *queer* e na relação cidade criativa-índice gay, ao afirmar que uma cidade criativa precisa ter sua parcela de população LGBTQIAPN+. Como disse, *um lugar que acolhe a comunidade gay acolhe todo tipo de gente* (FLORIDA, 2011, p.256). Uma cidade com alto Índice Gay seria, em outras palavras, um lugar melhor de se viver. Mas será mesmo? Os

¹⁴ Fonte:

<<https://queer.ig.com.br/2024-01-08/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-pelo-15-ano-consecutivo.html>>

¹⁵ Fonte:

<<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/54897#:~:text=O%20Brasil%20tamb%C3%A9m%20%C3%A9%20o,das%20v%C3%ADtimas%20eram%20pessoas%20negras>>

últimos campos teóricos apresentados neste artigo, procuram revelar algumas camadas deste discurso.

2.3 ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA

Para cartografar o funcionamento da violência estrutural, utilizo de dois conceitos: o “racismo estrutural” de Silvio de Almeida¹⁶, que traz os processos de segregação e violência racial como um fator histórico político e social, que sistematicamente criou (e cria) condições para que siga sendo reproduzida, consciente e inconscientemente (2018, p.38-39); e o “biopoder” de Michel Foucault¹⁷ que constitui um processo de disciplinamento, norma e controle político e biológico sobre os corpos, bem como determinados eventos que recaem sobre eles (2018, p.79). Neste atravessamento, a violência estrutural opera pelos mesmos mecanismos de segregação, vigilância e controle político permitindo que práticas discriminatórias ganhem espaço e autorização para seguir acontecendo e se infiltrando nas culturas da sociedade. O machismo, a misoginia, o racismo, a xenofobia, a intolerância religiosa, o capacitismo, o etarismo, e, o que aqui nos interessa, a LGBTfobia, se tornam um agenciamento de captura para seguir diminuindo, subjugando e controlando as diversas formas da existência humana.

Uma das engrenagens principais para a produção da violência estrutural seria a de que a sociedade está fundada sobre a pedra da binariedade ocidental que determinou os papéis sociopolíticos de gênero (homem/não-homem), de raça (branco/não-branco), geográfico (ocidente/oriente), religioso (monoteísmo/politeísmo), assim como outros marcadores binários que territorializam os corpos e os desejos da humanidade, regulamentando-os como certo/errado. Limites determinados no nascimento e identificados através dos papéis constituídos por uma ideia do que é mais ou menos humano e que foram largamente (re)produzidos pelas instituições de controle, como a igreja, o Estado, a família, a escola e o exército. Um corpo territorializado com limites biológicos, físicos, sociais, culturais e sexuais. *Em termos foucaultianos*, [a violência estrutural] *é acima de tudo*

¹⁶ Doutor em Direito pelo Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Mestre e Bacharel em Direito Político e Econômico pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

¹⁷ Foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France.

uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. (MBEMBE, 2018, p. 17). Até aqui, é possível compreender que a LGBTfobia e a cisheteronormativa operam pela lógica estrutural do exercício do biopoder institucionalizado.

Segundo Deleuze e Guattari¹⁸, autores da esquizoanálise, é impossível viver uma liberdade plena sob o regime capitalista, que tem seu sistema político fundado na exploração, dominação e colonização do desejo. Qualquer desejo que escapa é decodificado e reterritorializado sob novas formas de controle. A cidade criativa, nesse sentido, passa a ser um dispositivo regulatório que define quais expressões culturais podem ocupar o espaço urbano através de protocolos, editais e metas. Uma maneira de confrontar esse controle é a adoção da esquizoanálise como uma máquina de produção de subjetividade que tem o desejo como potência de criação, diferente da lógica burguesa da psicanálise, que em si se perde na binariedade macho-fêmea de Freud, e que permite com a instauração das estruturas do capitalismo.

Se o corpo cisheteronormativo funciona como emissário da normatividade capitalista, o corpo *queer* é seu nêmesis. Uma linha de fuga diante do agenciamento de captura. E a esquizoanálise vê nesse corpo dissidente estruturas maquinosas, repletas de trabalho e de funções. *Há em toda parte máquinas produtoras ou desejantes, as máquinas esquizofrênicas, toda a vida genérica: eu e não-eu, exterior e interior, nada mais querem dizer.* (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.12). As máquinas produzem a produção. Produzem sensações, vontades, estados, perguntas e desejos. *A regra de produzir sempre o produzir, de inserir o produzir no produto, é a característica das máquinas desejantes ou da produção primária: produção de produção* (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.18). Em outras palavras, controlar os corpos desejantes é controlar a soberania e a independência de uma cidade. Ditar a forma como se deve pensar, criar e, se tornar criativa, é, por sua vez, fazer manutenção do agenciamento de controle do biopoder imposto pelo capitalismo. E, por isso, a produção *queer* desejante se coloca como uma ameaça às estruturas da sociedade, porque se configura como um pensamento livre, não codificado e nem controlado. É neste campo de força que as violências estruturais se tornam legíveis.

¹⁸ Filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

3. ÍNDICE GAY OU UM POSSÍVEL TOKENISMO QUEER?

Em seu livro, Florida (2011, p. 249) utiliza-se de três indicadores para confirmar a existência de uma cidade criativa, o que chamou de os 3 Ts do desenvolvimento econômico: o Talento, a Tecnologia e a Tolerância. Essa última é baseada em outros três fatores (quantidade de pessoas imigrantes, população boêmia e a quantidade de pessoas LGBTQIAPN+), assim ele concluiu que [...] *para atrair indivíduos, gerar inovação e estimular o crescimento econômico, um lugar precisa reunir as três* (2011, p. 249). Longe de questionar o mérito da pesquisa, o impacto e a comprovação científica de seu livro, quero, antes, levantar algumas provocações conceituais.

Para Florida,

O crescimento econômico regional é impulsionado por pessoas criativas, que preferem lugares diversificados, tolerantes e abertos a novas ideias. A diversidade aumenta o potencial do lugar de atrair vários tipos de indivíduos criativos, com ideias e habilidades distintas. [...] Sem falar que a união de diversidade e quantidade acelera o fluxo de conhecimento. (FLORIDA, 2011, p.249).

Em seu livro, Florida pôde contar com o apoio de Gary Gates¹⁹, especialista recenseador reconhecido em geografia e demografia da população LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos (EUA). Na pesquisa demográfica, Gates mapeou toda a população *queer* do país e a nomeou de Índice Gay. As informações coletadas eram obtidas [...] *pela contabilização do número de lares compostos por pessoas do mesmo sexo que se declaram em relação estável, em determinada área* (VIVANT, 2012, pág.13). E, a partir dos resultados, ambos autores perceberam que [...] *em 1990, seis das dez regiões mais bem classificadas segundo o Índice Gay também estavam entre os dez maiores centros de alta tecnologia do país* (FLORIDA, 2011, p.257).

Com os resultados integrados em sua pesquisa, Florida assumiu que a *homossexualidade representa a última fronteira da diversidade na nossa sociedade. Sendo assim, um lugar que acolhe a comunidade gay acolhe todo tipo de gente* (FLORIDA, 2011, p.256). Aqui emergem duas fragilidades conceituais: A primeira é sobre o uso da expressão “qualquer tipo de gente”, com a qual Florida abre espaço

¹⁹ Doutor em Políticas Públicas e Gestão pelo Heinz College, Carnegie Mellon University, Mestre em Teologia pelo St. Vincent Seminary e Bacharel em Ciência da Computação pela University of Pittsburgh em Johnstown.

para uma interpretação pejorativa da comunidade *queer*. Quem faz parte do “qualquer”? Por que Florida expõe que a comunidade gay é a última fronteira? Quais outras foram cruzadas? De que outros tipos de gente ele está se referindo? Se Florida se refere a outros grupos socialmente minorizados, seu discurso vai ao encontro de um processo de hierarquização das diferenças, reforçando um imaginário de gradação da exclusão social. Se, por outro lado, o “qualquer” sugere sujeitos marginalizados no sentido penal ou social, a associação com a população LGBTQIAPN+ torna-se ainda mais problemática, deslizando para um discurso de criminalização simbólica da diversidade.

A segunda fragilidade percebida é de que, diante deste enunciado, fica explicitada a ausência de uma abordagem interseccional. Fica evidente a ausência das vivências de representatividades sociais e de uma epistemologia outra, que não a branca-cisheterocentrada de Florida. Uma vez que Florida coloca a comunidade gay como “a última fronteira” e que sua aceitação representa o pensamento mais liberal de todos, está dizendo, em outras palavras, que todas as dissidências se incluem numa mesma categoria. Mas é claro que *uma sociedade local considerada fechada, ou seja, sem diversidade, nem gays, nem boêmios não atrai indivíduos criativos, pois em tal ambiente eles não se sentem autorizados a manifestar comportamentos singulares nem a exercer seu gosto por encontros, pela liberdade e pelo Imaginário, propício à expressão de sua criatividade* (VIVANT, 2012, pág.15). A crítica não está na afirmação anterior, mas na forma como se constrói e opera tal entendimento.

Como citado no capítulo 2, os EUA, e boa parte do mundo, viveram nos anos 80 e 90 uma luta política por saúde. Chamada de a “peste gay”²⁰, o surgimento do vírus HIV fez milhares de vítimas, muito por negligência do governo que associou a doença à comunidade LGBTQIAPN+ e utilizou da morosidade da máquina pública para exterminar boa parte da população estadunidense que se afirmava enquanto pessoa *queer*. Fato é, o estado ainda tem sua base cisheterocentrada que faz vistas grossas à agenda LGBTQIAPN+. Visto que ainda existem países²¹ onde ser LGBTQIAPN+ é crime com pena de morte. No Brasil, por exemplo, foi lançado em

²⁰ Fonte:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ha-40-anos-primeiros-casos-de-aids-eram-relatados-nos-eua>>

²¹ Países como Sudão, Irã, Arábia Saudita, Iêmen, Mauritânia, Afeganistão, Paquistão, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iraque, partes da Síria, partes da Nigéria e partes da Somália. Muitos desses locais são protegidos pela UNESCO como patrimônios históricos da humanidade.

2023 o Dossiê Educação sob Ataque²², onde reúne desde 2020 mais de 200 ocorrências que propõem projetos de leis, casos de censura, intolerância religiosa, militarização e a instrumentalização de ações neofascistas e cristãs. Todas atacando diretamente uma educação que prega a liberdade, a criatividade e o direito de ir e vir. Evidências que nos obrigam a problematizar: até que ponto as chamadas cidades criativas são verdadeiramente tolerantes, ou se apenas performam diversidade como estratégia de marketing territorial?

Em outra análise literária do trabalho de Florida, a autora Elsa Vivant no livro “O que é uma cidade criativa?” traz a seguinte fala: *O gay representa a figura do indivíduo hipermoderno, que inventa sua própria vida e seu próprio modelo, fazendo malabarismos com as normas e as regras legislativas*; e afirma ainda que a *população gay tem um poder aquisitivo elevado* (VIVANT, 2012, pág.14). Mais uma vez aqui fica evidente uma universalização e uma falta de experiência das vivências LGBTQIAPN+, afinal as pesquisas a respeito da vida econômica *queer* revelam justamente ao contrário: subempregos, subsistência, precariedade e falta de acesso aos direitos básicos como saúde, moradia e educação. Um estudo apontado pela CNN²³, em 2021, revela que desde a pandemia, 17% da comunidade LGBTQIAPN+ está desempregada, sendo 20% só de pessoas trans. Já a insegurança alimentar aumenta para 56%. Outro dado significativo é de que das pessoa empregadas, apenas 24% possuem empregos formais, sendo a prostituição a realidade da grande maioria.

O discurso adotado de cidades *gay-friendly* adquire, por vezes, um tom caricato, sugerindo analogias infelizes com termos como *pet-friendly* aplicadas a estabelecimentos que permitem a entrada de animais de estimação²⁴. Se não bastasse a generalização que iguala a comunidade LGBTQIAPN+ a "qualquer tipo de gente", o uso de expressões como *gay-friendly* reforça uma lógica de inclusão superficial, quase como um selo de qualidade turística, onde corpos dissidentes são bem-vindos apenas enquanto decorativos ou consumíveis. Esse incentivo, por vezes

²² Fonte: <<https://educacaosobataque.org/>>

²³ Fonte:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/seis-em-cada-10-pessoas-lgbtqia-perderam-renda-ou-emprego-na-pandemia>>

²⁴ No vídeo, a atriz encena uma lojista conservadora que se vê obrigada a divulgar promoções voltadas à população LGBTQIAPN+. Toda a situação constrangedora e irônica traz através da arte um retrato de como as indústrias fazem a manutenção do tokenismo *queer* e do *pink money* (prática de apropriação de uma pauta social de forma rasa, apenas para lucrar). Vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=psQbSSaFtk>>

forçado, e essa visão recortada de uma vivência *queer* pode revelar um traço de tokenismo. O termo foi utilizado pela primeira vez por Martin Luther King no movimento dos direitos civis nos EUA, na década de 60, para denunciar a prática da falsa inclusão quando se eleva um único representante minorizado socialmente como álibi da diversidade.

Luther King critica o fato de que o tokenismo serve apenas para dar uma imagem progressista, ou seja, uma organização ou projeto incorpora um número mínimo de membros de grupos minoritários somente para gerar uma sensação de diversidade ou igualdade. Porém, não existe um esforço real para incluir essas minorias e dar-lhes os mesmos direitos e poderes do grupo dominante (FOLTER, 2020).

Ou seja, no urbanismo criativo de Florida, a diversidade é tratada como um ativo urbano, um diferencial competitivo na economia simbólica entre as cidades cosmopolitas. Contudo, essa diversidade, muitas vezes não é vivida, nem politizada, é apenas representada. Um simulacro de diversidade. O corpo *queer* não é sujeito: é ícone de vitrine, performance tolerada e identidade monetizável. Por isso, nesse contexto, o tokenismo se manifesta como dispositivo de captura: garante a visibilidade de algumas poucas identidades *queer* dentro de uma lógica neoliberal, mas neutraliza seu potencial insurgente. A presença de corpos LGBTQIAPN+ é validada não por suas lutas, mas por sua capacidade de compor a imagem de cidade vibrante, cosmopolita e hipermoderna.

4. A GENTRIFICAÇÃO COMO PRÁTICA HOMOGENEIZADORA CISHETERONORMATIVA

Inauguro este capítulo com a seguinte questão de Landry:

Os atuais projetos de infraestrutura, como escolas ou universidades, hospitais, delegacias de polícia ou museus, estão sendo concebidos dentro de uma perspectiva de futuro? Às vezes, as escolas se parecem com fábricas para transmitir conhecimento e os hospitais são raramente construídos para serem centros de bem-estar. Se as instituições educacionais são repensadas como centros de curiosidade e imaginação, elas deveriam se parecer, sentir e funcionar de forma diferente. (2013, p.74-75).

Sua observação sobre a estrutura física das instituições é uma realidade que se apresenta em muitos lugares do mundo. Algo que Foucault já tinha levantado em seu livro “Vigiar e Punir: nascimento da prisão”, em 1975, quando analisou as estruturas prediais das escolas, hospitais, asilos, prisões e outras instituições da cidade e percebeu que sua arquitetura regia uma mesma lógica de controle, que

chamou de um [...] *encaixamento espacial das vigilâncias hierarquizadas* (1987, p. 197). E quando se olha para as escolas, tanto as tradicionais do século passado, quanto as de hoje em dia no século XXI, é possível notar uma herança colonizadora desta arquitetura:

A classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e a cada prova. (FOUCAULT, 1987, p. 173)

Sendo a escola uma das principais instituições de formação cidadã, e considerando que é nela que se desenvolvem e/ou reproduzem entendimentos de cidadania, moral e ética, [...] *não é muito difícil verificar que, aos poucos, essa aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com [a juventude] do século XXI* (SIBILIA, 2012, p.13)²⁵. Por isso, é preciso problematizar a formação humana, processos educativos escolares e, sobretudo, a instauração de mecanismos governamentais de controle sobre os corpos com o propósito de se criar um [...] *determinado modo de vida* (FOUCAULT, 2018, p.81). Afinal, se a escola não for o espaço da criação das subjetividades e das diferenças, onde será?

4.1 A GENTRIFICAÇÃO COMO CONSEQUÊNCIA

Embora seja reconhecido o valor simbólico e cultural das cidades criativas, bem como as práticas de defesa patrimonial promovidas por organismos como a UNESCO, o convite aqui é para lançar um olhar para aquilo que escapa ao campo de visibilidade de um corpo vigiado: os fluxos de desejo, os corpos errantes e os territórios dissidentes. O corpo, neste caso, é o corpo do artista *queer*. Um corpo que [...] *não é mais um reprodutor, mas o criador de uma obra única e insubstituível e que impõe [...] sua visão de mundo* (VIVANT, 2012, pág.20). Sua presença [...] na

²⁵ Graduada em Ciências da Comunicação e em Antropologia na Universidad de Buenos Aires (UBA, 1992), Mestra em Comunicação na Universidade Federal Fluminense (UFF, 2002), Doutora em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2007).

cidade é percebida por alguns cidadãos como uma ameaça à ordem estabelecida, ao bom gosto e ao respeito à propriedade privada (VIVANT, 2012, pág.36).

Curiosamente, a instalação da cidade criativa torna-se o próprio dispositivo de expulsão dos corpos errantes. Pelo processo de gentrificação, a diversidade desejante é deslocada, e [...] *um projeto político liberal no sentido norte-americano do termo* é estabelecido como um padrão hegemônico de estilo de vida (VIVANT, 2012, pág.23). Da mesma forma que as escolas reproduzem padrões arquitetônicos prisionais com o intuito de homogeneizar a população, a cidade criativa começa a adotar e a reproduzir um *status quo* do padrão criativo aceito e tolerável.

Uma homogeneização dos modos de fazer e das paisagens urbanas produzidas. Essa homogeneização (aparente) é veiculada por indivíduos criativos, eles mesmos *gentrificadores*, que viajam ou já moraram no exterior, se interessam pelos universos culturais de outros continentes e constroem, assim, uma paisagem global de consumo urbano cosmopolita.(VIVANT, 2012, pág.77).

Aqui se apresenta o paradoxo conceitual: uma vez que as cidades criativas são aquelas que surgem com o discurso pró-diversidade, de valorização e respeito aos diferentes modos de ser/estar, seu processo de gentrificação promove o expurgo da diversidade, pois num olhar atento às intersecções é possível notar a massiva quantidade de pessoas brancas cisheteronormativas. A gentrificação abre espaço para os recém-chegados que [...] *se apropriam do bairro e impõem suas normas e valores nos espaços locais de debate e decisão, das assembleias de proprietários a conselhos escolares, passando por conselhos de bairro e por diversas associações de moradores. Pela seleção socioeconômica que acarreta, a gentrificação incentiva a privatização e a apropriação do espaço público* (VIVANT, 2012, pág.46). A tentativa de negar a existência de uma hegemonia racial, social e econômica sobre quem pode habitar nos grandes centros urbanos pode ser legitimada pelos corpos vigiados, mas jamais passará despercebida pelos corpos disruptivos.

Para exemplificar, em bairros como Soho, em Londres, ou Castro, em São Francisco, capitais mundiais da resistência e cultura *queer*, e territórios criativos reconhecidos pela UNESCO, os problemas são diferentes. Com o alto custo de vida, o Reino Unido todo se transformou num grande problema social para a população. Não é raro encontrar pessoas com jornadas de trabalho que somam 50 ou 60 horas semanais, com dificuldade de pagar os impostos e os custos de moradia, e/ou tendo

que escolher viver em carros e barcos. Hoje, são quase 200 mil pessoas²⁶ em situação de rua vivendo na cidade, onde se inclui uma parcela significativa de LGBTQIAPN+. Em uma pesquisa de 2022, feita pela instituição *Centre for Homelessness Impact*²⁷, os dados apresentados revelam que as pessoas negras têm três vezes mais probabilidade de se tornarem sem-abrigo do que as pessoas brancas. Já a cidade de San Francisco, se tornou um grande problema social para os EUA²⁸. Com aluguéis que passam dos US\$ 3.000 e leis que proíbem a moradia em espaços e vias públicas, a gentrificação atravessa a cidade violentamente promovendo uma quantidade massiva de moradores de rua²⁹ e uma política militarizada de limpeza das ruas.

A gentrificação das cidades criativas nestes casos se confirma como uma ferramenta colonizadora de manutenção das violências cisheteronormativas e de exclusão LGBTQIAPN+ e também racial. As vitrines criativas funcionam apenas como uma estética da aceitação, mas que, na verdade, encobrem a política do despejo. A cidade se torna palco, mas esvaziada de conflito: a performance *queer* aceita é aquela que não ameaça.

5. A ESQUIZOCIDADE OU CAMINHOS PARA UMA CIDADE CRIATIVA

Propondo um distanciamento do olhar patológico-clínico da saúde, tomei emprestado a palavra “esquizo” para pensar outros olhares em outros campos, e, neste caso, na educação. O esquizo como divergente da normalidade, como metáfora conceitual para nomear a fratura entre o corpo e a realidade que o captura. Busquei inspiração da vida de Rodrigo de Souza Leão³⁰ e de Antonin Artaud³¹, artistas diagnosticados com esquizofrenia, que fizeram de sua condição mental um devir artístico:

Ler-me significa ler o estranho. Ler um outro lado que existe em cada um. É duro quando entendemos que esse lado, que todos têm, em nós está

²⁶ Fonte:

<<https://www.publico.pt/2024/06/29/p3/noticia/ocupacao-ocupacao-assim-tenta-sair-rua-londres-2095773>>

²⁷ Fonte: <<https://www.homelessnessimpact.org/>>

²⁸ Fonte:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/12/como-sao-francisco-virou-simbolo-da-crise-dos-sem-teto-nos-estados-unidos.ghtml>>

²⁹ Fonte:

<<https://propertyclub.nyc/article/is-san-francisco-safe-crime-and-most-dangerous-neighborhoods>>

³⁰ Poeta, jornalista e músico.

³¹ Poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas.

doente e não é mais uma coisinha digna de ser uma brincadeira: ser esquizofrênico não é brincadeira. É acordar no escuro tudo estando claro. É como se só existisse pesadelo dentro do sonho. (LEÃO, 2011, p.10).

E se toda pessoa for um corpo esquizo que passa por um tratamento deixando seu corpo tratado e medicado? E se todo ser humano nasce com devires e desejos que são lidos como delírios e alucinações de outras realidades? E se o corpo *queer* for apenas lido como esquizo porque irrompe a normalidade e foge da realidade hegemônica da norma? A sociedade, com sua maquinaria de captura, rapidamente se organiza para tratar tais "anomalias" de modo padronizado, com o mesmo protocolo disciplinador que aplica a todos os corpos desviantes. E o que sobra desses tratamentos senão as marcas do processo? A Prof^a Dra. Guacira Lopes Louro³² traz uma explicação sobre:

Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos, então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pêlos, nas formas, nos traços, nos gestos? O que elas "dizem" dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Há corpos "não-marcados"? (2018, p.75).

E se a dor de um corpo esquizo for justamente a dor por perceber que não há espaço para seu corpo nesta realidade e, por isso, constrói outras realidades que o aceitam de maneira a não forçar tratamentos? E o que fazem as pessoas LGBTQIAPN+ se não buscarem com todas as forças a invenção de realidades possíveis e suportáveis? E o que fazem os artistas senão a fuga da normalidade? E o que fazem os corpos *queer* senão delírios que provocam e questionam a certeza do pensamento cisheteronormativo?

Dito isso, proponho a esquizocidade como uma alternativa segura para a população LGBTQIAPN+ que se reconhece como originária das cidades criativas, mas que sofre a expulsão como consequência da gentrificação. Um processo que, ao final, transforma a dissidência em algo a ser higienizado e eliminado. Como aponta Landry, *a criatividade não é apenas sobre artes ou outros setores culturais, mas o alcance da criatividade deve ser abrangente e incluir soluções criativas para os problemas sociais, pois as cidades que afirmam ser criativas possuem uma grande parte da população na pobreza e são muitas vezes mal administradas* (2013, p.18). Aceitar a obra e rejeitar o artista é uma estratégia adotada pela produção

³² Doutora em Educação pela UNICAMP, licenciada em História e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

capitalista da indústria cultural, onde a produção deve ser constante e utilitária para reafirmar o sistema cultural vigente.

Longe de querer ditar como deve ser ou não uma cidade criativa, meu interesse aqui é levantar questionamentos: o que significa identificar uma cidade como criativa? E o que significa reconhecer um corpo como queer? Que critérios, que recortes, que violências e que silenciamentos estão embutidos nesses processos de nomeação? Se o índice gay está no centro das pesquisas das cidades mais avançadas, se a tolerância é um dos Ts que pré-determinam a formação de uma cidade criativa, se a diversidade é uma característica disruptiva buscada e almejada pelos agentes da criatividade, por que as pesquisas continuam apontando elevados índices de violência e extermínio da população LGBTQIAPN+? E por que esse índices não diminuem, mesmo quando levantados em cidades criativas?

Tornar-se e ser uma Cidade Criativa está muito ligado à mudança de mentalidades, sendo mais um processo que um plano. É ser dinâmica, e não estática. Não há um ponto fixo no qual uma cidade seja criativa. Para manter uma posição criativa, uma cidade precisa estar continuamente alerta e ser estrategicamente ágil (LANDRY, 2013, p.28).

A esquizocidade seria justamente esse processo de mudança, flexível, dinâmica, acolhedora e contínua para que todos os corpos e identidades possam não apenas fundar seus territórios criativos, mas habitá-los. Ter reconhecimento, direito ao trabalho, ao lazer e aos bens públicos. Novas formas de enxergar o mundo e propor a vida em comunhão.

5.1 ALTERNATIVAS CRIATIVAS

Ao olhar para o mundo, pode-se dizer que a sociedade ainda não alcançou a utopia. A construção de cidades, a organização social, a legislação e a forma como a humanidade constrói sua história estão repletas de episódios de guerras, invasões e de tentativas constantes de tomar o espaço do outro sob uma justificativa divina. O apagamento cultural, a exploração ambiental e o extermínio dos povos livres sempre aconteceram e continuam acontecendo sob novos agentes de violência. Os quase 300 anos de capitalismo se provaram como uma grande ameaça para a humanidade quando centenas de estudos apontam que nosso planeta irá colapsar³³, ou como

³³ Fonte:

<<https://umsoplaneta.globo.com/clima/noticia/2023/11/01/15-mil-cientistas-assinam-relatorio-em-que-a-lermam-sobre-colapso-ambiental-infelizmente-o-tempo-acabou.ghtml>>

relatou as Nações Unidas³⁴, que a Terra atingirá o seu “ponto de não retorno” em 2030. Extinção da vida animal, devastação dos ecossistemas, aumento na temperatura do planeta e uma constante crise climática em centenas de países causada pelas selvas de pedra e pelas zonas de calor do aumento exponencial das cidades e diminuição dos territórios verdes.

A luta ainda é longa, sobretudo quando emergem movimentos políticos radicais que tentam impor o negacionismo ambiental, o terraplanismo, a doutrinação religiosa e o neofascismo. Movimentos que aumentaram assustadoramente nos últimos cinco anos e que não escondem sua ideologia cheio de violência estrutural contra diversos grupos dissidentes. Diante de todo esse cenário, o que ecoa é: haverá alguma esperança de mudança?

Em 2015, líderes mundiais se reuniram na sede da ONU³⁵ para discutir uma forma de evitar tal colapso, proteger o planeta e implantar políticas públicas para melhorar a vida em sociedade. Esse plano ficou conhecido como a “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” e dele foram criados os “17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (ODS). Muitos países já estão adotando tais objetivos e implementando em suas legislações. Assim como muitas cidades alternativas estão surgindo como novas formas de enxergar o mundo e propor uma vida sem a captura de desejos. Para citar alguns exemplos: A cidade do amanhecer na Índia, Auroville³⁶, fundada em 1966 e aprovada pela UNESCO e pelo Governo da Índia; Arcosanti³⁷ é um projeto no Arizona, fundado em 1970 que tem a missão de inspirar um urbanismo ecológico; a Fundação Findhorn³⁸ no Reino Unido se dedica a criar experiências transformadoras de novas formas de se viver. Certamente, essas organizações servem de inspiração aos novos modelos políticos e estruturas curriculares de escolas públicas e para a construção de novos territórios criativos.

6. CONCLUSÃO

³⁴ Fonte:

<<https://veja.abril.com.br/mundo/onu-preve-que-terra-atingira-limite-em-2030-e-lanca-guia-de-sobrevivencia>>

³⁵ Fonte:

<<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/embaixadores-da-juventude/conhea-mais/a-agenda-2030-p-ara-o-desenvolvimento-sustentvel.html>>

³⁶ Fonte: <<https://auroville.org/>>

³⁷ Fonte: <<https://www.arcosanti.org/>>

³⁸ Fonte: <<https://www.findhorn.org/>>

Neste artigo, busquei fazer uma esquizoanálise de um indicador social de Richard Florida trazendo problematizações e revelando camadas ainda mais profundas sobre um problema que se estabelece de forma estrutural na sociedade. O que parecia ser apenas um Índice Gay revelou ser a ponta de um problema estrutural, sob o qual se ocultam narrativas invisibilizadas e recortes políticos que atravessam a produção de subjetividades LGBTQIAPN+.

Ao longo dos capítulos, propus um debate com conceitos da filosofia da diferença, dos estudos *queers* e da sociologia, de maneira a costurar a narrativa sob o prisma de um corpo dissidente. A caminhada pela cidade esquizoanализou a relação entre o processo de gentrificação e o capitalismo que exploram e expulsam os corpos esquizos do centro das cidades, impõe uma homogeneização criativa e fazem a manutenção da cisheteronormatividade. Expus casos de crises sociais em algumas cidades, bem como exemplos de territórios criativos que buscam alternativas diante do futuro colapso global. Certamente existem muitos outros casos de territórios fugindo da regra e tentando performar novas maneiras de ser/estar no mundo acolhendo as diferenças, os corpos esquizos e tornando seus territórios genuinamente criativos. Pois, ser criativo não é apenas reproduzir padrões, mas quebrá-los. Reinventar os sistemas. E ser esquizo aqui é não só escapar dos sistemas, mas combater a cisheteronormatividade compulsória que utiliza da violência estrutural e da produção utilitarista de arte para homogeneizar e controlar a produção dos desejos das identidades *queer*.

A esquizoanálise aponta que toda vez que o desejo é convertido em signo, em dados, ele corre o risco de ser codificado pelo capital. O desejo *queer*, quando transformado em tolerância, representatividade ou pontuação criativa, perde sua potência de devir e passa a funcionar como engrenagem na máquina de reprodução da cidade criativa. O que poderia ser linha de fuga vira placa publicitária. O corpo *queer* vira slogan. O devir é sequestrado e devolvido como identidade domesticada.

A cidade criativa se torna uma vitrine criativa, onde a diversidade é exibida como produto de marketing territorial. Esse tipo de exibição não potencializa, mas, pelo contrário, ela coisifica. O corpo dissidente é estetizado. É visto, mas não escutado. É celebrado, mas não incluído nos processos decisórios. A vitrine criativa se torna uma espécie de prateleira da diferença domesticada: nela cabem as cores da bandeira, mas não a radicalidade dos desejos. A cidade criativa com o discurso

da diversidade fomenta a lógica da inclusão controlada: deixa entrar, desde que não transborde. Autoriza a diferença, desde que seja rentável.

Uma esquizocidade pode ser o caminho onde um corpo LGBTQIAPN+ encontra não apenas abrigo e afeto, mas possibilidade de produção de si, de criação de territórios existenciais, de afirmação de sua dignidade e de sua potência de vida. Enquanto a sociedade insistir em não aceitar tais corpos, nós seguiremos migrando, desterritorializando, de cidade em cidade, traçando linhas de fuga, fundando micropolíticas do devir em cada esquina, em cada praça, em cada ocupação cultural. Porque, ao contrário dos corpos vigiados que buscam a estabilidade e o controle, um corpo LGBTQIAPN+ habita no trânsito, no movimento e na potência de sua fluidez. E isso, nenhuma máquina de captura poderá nos tirar. Afinal, o desejo flui de nossos corpos e a cidade, por mais que tente, jamais será capaz de conter as potências que nascem em suas fissuras.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. **Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade**. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Abr 2003, Vol. 19 n. 1, pp. 001-008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722003000100002>> Leitura em 10 dez. 2024.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BRAGA, Denise da Silva. **Heteronormatividade e sexualidades LGBT**: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não normativas. 2012. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- CASTRO, Ana Luisa Manzini Bittencourt de. **O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola**: o que nos dizem piaget e vygotsky. In: Rev. psicopedag., São Paulo, v. 23, n. 70, p. 49-61, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 12 dez. 2024.
- DELEUZE, Gilles. **O Ato de Criação**: Palestra de 1987. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DIVERSITY BBOX. **Guia de linguagem inclusiva**: todxs nós. 2020. Disponível em: <<https://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf>> Acesso em 12 dez. 2024.
- FLORIDA, Richard L.. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FOLTER, Regiane. **O que é tokenismo?** Básico da Política, Cidadania, Cultura e Sociedade. Politizei: 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **A arte neoliberal de governar e a educação**. São Paulo, Intermeios; Brasília: Capes/Cnpq, 2018.
- LANDRY, Charles. **Origens e futuros da cidade criativa**. São Paulo: SESI-SP editora, 2013.
- LEÃO, Rodrigo de Souza. **O esquizoide**: Coração na boca. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica 3ª Ed., 2018.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- VERGUEIRO, Viviane. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial**. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978- 85-232-1866-9. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>> Acesso em: 15 dez. 2024.
- VIVANT, Elsa. **O que é uma cidade criativa?** Editora Senac: São Paulo, 2012.